RELATÓRIO DE GESTÃO

Julho | 2020

Comentários

Julho deu início ao segundo semestre de 2020 como continuidade do mês de junho. A recuperação dos ativos de risco teve sequência, motivada por melhores dados econômicos e a onda de liquidez sem precedentes mundialmente. O foco continua na busca por entender como será a economia, à medida que o mundo passa a convergir para normalidade.

No internacional, são cada vez menores as tensões sobre uma possível segunda onda que venha a trazer os grandes centros para condição de isolamento social vista no primeiro semestre. Mesmo com expansões pontuais no número de casos, os protocolos médicos já são capazes de reduzir a mortalidade da COVID-19. Além disso, os estudos com vacinas se aproximam dos estágios definitivos, com resultados positivos até então, indicando que a vacinação em larga escala deve ser uma realidade em pouco tempo.

Com o vírus reduzindo o protagonismo nas discussões, o foco passa a ser como se comportará a economia mundial após a maior série de estímulos já vista. O forte volume de expansão fiscal e monetária nos EUA trouxe preocupação acerca do dólar como reserva de valor ao longo do mês, movimento que permitiu recuperação de moedas emergentes, inclusive o Real.

Apesar disso, a sinalização dada pelos agentes americanos e seus pares é para o uso dos instrumentos disponíveis enquanto for necessário, sem projetar um fim próximo para o ciclo de estímulos. Nesse contexto, crescem as discussões acerca da eleição presidencial dos EUA, prevista para o final desse ano. As pesquisas preliminares apontam para leve favoritismo de Joe Biden, em detrimento de Donald Trump. Na medida que a corrida pela Casa Branca vá se intensificando, tal assunto deve assumir o protagonismo, especialmente caso Biden desponte na liderança, cenário que traria volatilidade para o mercado.

Comentários

No doméstico, a interação entre os poderes teve mais um mês de convergência. A tendência maior ao diálogo permite debate sobre reformas estruturais, como a tributária, bem como a continuidade em projetos de privatização. Porém, a expansão de gastos pela pandemia, tratada como transitória, começa a gerar preocupações, ao passo que crescem discussões para expansões nos auxílios por parte do Governo. Uma eventual saída da trajetória de solvência é uma variável relevante para atenção.

Para as carteiras, o foco está em como será o Brasil em um horizonte um pouco mais distante. Apesar de melhor, a visibilidade à frente não é clara, momento que exige cautela na gestão de recursos. Os sinais fiscais brasileiros são construídos dia após dia em Brasília, portanto a evolução das conversas políticas nos próximos meses é fundamental para a trajetória de longo prazo do país.

Convicção e fundamentos

Classes	Tipo	Abaixo	Neutro	Acima	Fundamentos	Mudança
Renda fixa	Pré-fixada	✓			O movimento de redução na Selic pelo Banco Central trouxe os prazos mais curtos para níveis mínimos históricos, dada baixa perspectiva de inflação. Já nos vértices mais longos, as incertezas ainda elevadas evitam o investimento.	→
	Pós-fixada	✓			Os ativos pós-fixados geram pouca atratividade, dado cenário de Selic à 2,00%a.a.. Ademais, a liquidez do mercado secundário de crédito privado também preocupa.	→
	Inflação		✓		Mesmo com as ameaças de inflação relativamente controladas no curto prazo, os títulos ainda fornecem prêmio interessante, especialmente nos vencimentos mais curtos, com atrativa relação de risco e retorno.	→
Ações				✓	Apesar do forte movimento negativo de março, continuamos vendo a bolsa como melhor ativo para os próximos anos de Brasil. Mesmo com as revisões negativas de lucros das empresas, a permanência do juro mais baixo por um período prolongado, fornece uma oportunidade de investimento, visando longo prazo.	→
Multimercados				✓	A gestão ativa dos fundos multimercados, especialmente no mercado de juros, favorece alocação nesse momento. A amplitude de mandato permite capturar oportunidades diversas, inclusive no mercado internacional.	→